



Repórter Brasília Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

Eleições ditam o ritmo

O deputado federal gaúcho Afonso Motta (PDT, foto) avalia que o Congresso inicia o ano já sob forte influência do calendário eleitoral. Em entrevista à coluna Repórter Brasília, ele afirmou que “a agenda legislativa tende a ser mais lenta e marcada por disputas políticas com menos espaços para reformas estruturais. Prazos de desincompatibilização, janela partidária, fundo eleitoral e regras de campanha devem interferir diretamente no funcionamento do Parlamento e na priorização das votações”.



MÁRIO AGRA/CÂMARA DOS DEPUTADOS/JC

Congresso sob pressão política

Segundo Motta, “é um ano eleitoral com todas as palavras. O ambiente político deve impactar a tramitação de projetos e aumentar a tensão entre governo e oposição”. Ele prevê debates intensos em torno de investigações, CPIs e temas econômicos, mas defende cautela institucional para evitar crises e garantir o funcionamento das casas legislativas, mesmo em meio à disputa eleitoral.

Mercosul-UE em destaque

Entre as pautas de maior relevância, o deputado aponta o acordo entre Mercosul e União Europeia. Integrante do Parlasul, Motta considera o tema estratégico para o Brasil e acredita que o Congresso terá papel importante na discussão. Para ele, “o acordo reforça a presença internacional do País e amplia oportunidades de comércio e exportação. A expectativa é de debate relevante ao longo do ano, ainda que o ambiente eleitoral dificulte consensos mais amplos”.

Endividamento rural no Sul

Outra preocupação central é a situação dos produtores rurais, especialmente no Rio Grande do Sul. O parlamentar destaca o aumento do endividamento no campo e a necessidade de medidas de crédito mais acessíveis e de reestruturação das dívidas. Ele reconhece que o clima eleitoral pode dificultar soluções estruturais, mas defende avanços possíveis para aliviar o setor que enfrenta forte tensionamento econômico.

Trabalho e pauta social

A discussão sobre jornada de trabalho, incluindo o modelo 6x1, também deve entrar no debate. Motta avalia que se trata de um tema complexo e de difícil consenso, mas necessário. “A tendência é de discussões prolongadas, com impacto direto nas relações de trabalho e na pauta social do Congresso”, disse.

Rio Grande do Sul no radar

No cenário estadual, o deputado observa as movimentações para 2026. O PDT aposta na pré-candidatura de Juliana Brizola e mantém diálogo com outras forças, como o PT, sem abrir mão de liderar a chapa. Motta também acompanha a definição do governador Eduardo Leite (PSD) sobre eventual desincompatibilização. Para ele, “o quadro gaúcho segue aberto, com rearranjos e negociações em curso”.

Ano de poucos consensos

A avaliação geral é de um Congresso funcionando sob pressão política e com dificuldade para construir acordos amplos. Ainda assim, Afonso Motta defende que pautas estratégicas, como o acordo Mercosul-UE e o endividamento rural, avancem. O desafio, segundo ele, será conciliar o calendário eleitoral com a responsabilidade legislativa e institucional em um ano de disputas intensas.

Aquecimento mundial

Entrevista Especial

Bruna Suptitz
politica@jornaldocomercio.com.br

O aumento da temperatura média do planeta, conhecido como aquecimento global, provoca mudanças no clima que já reorganiza a dinâmica da atmosfera e redefine o padrão dos desastres climáticos no Sul do Brasil.

Nesta entrevista ao **Jornal do Comércio**, o professor Francisco Aquino, pesquisador do Centro Polar e Climático da Ufrgs, explica como o aquecimento mundial intensificou a formação de ciclones extratropicais, ampliando a frequência e a intensidade de eventos extremos no Rio Grande do Sul.

A partir de estudos que conectam a Antártica, a Amazônia e o Atlântico Sul, Aquino detalha por que a região se tornou uma rota preferencial de tempestades severas, com chuvas concentradas, enxurradas rápidas e impactos sem precedentes. Ao explicar que não se pode comparar a enchente histórica de 1941 com os episódios recentes de 2023 e 2024, o pesquisador aponta para a mudança estrutural no clima regional e alerta que eventos extremos frequentes já são realidade no nosso Estado.

Jornal do Comércio - Quantos o aquecimento do planeta interfere nos fenômenos climáticos extremos que estão acontecendo?

Francisco Aquino - Nos últimos 30, 40 anos, estudamos e vimos que a quantidade de ciclones extratropicais na nossa região aumentou bastante. Significa que o número de ressacas e desastres associados também aumentaram. Quando tem ciclone com frente fria intensa, pode ter trovoadas, granizo, tempestade, chuva, alagamento e até tornado, porque precisa alimentar as nuvens de tempestades. E a melhor forma que a natureza tem para fazer isso é ter calor e umidade. Então a Amazônia manda umidade, tem um bloqueio, uma onda de calor no centro do Brasil, essa umidade escoa aceleradamente para cá e provoca, ou dispara, as piores tempestades com as frentes frias, que justamente vêm da Antártica, que tem 90% do gelo de todo o Planeta Terra

ainda e está a menos de 5 mil quilômetros de distância de nós.

JC - Nós quer dizer o Rio Grande do Sul?

Aquino - Sim, o Rio Grande do Sul. É mais perto ir à Antártica, de Porto Alegre, do que ir a Roraima.

JC - Qual a mudança do clima observada nos últimos anos? E qual o impacto?

Aquino - A quantidade de ciclones ao redor da Antártica aumentou por conta do aquecimento global e um dos elementos dessa mudança da circulação atmosférica é deixar os ventos em altitudes sobre o Rio Grande do Sul mais rápidos, e eles trazem mais ciclones ou mais mudanças intensas. Então é claro, para a ciência, que o número de desastres e eventos extremos no Sul do Brasil aumentou com o aquecimento global e, junto disso - foi parte da minha tese de doutorado, porque eu sempre estive ligado com a Antártica -, a intensidade da massa de ar frio. E aí vem a curiosidade: nas frentes frias mais intensas que causaram dano impactante no Sul do Brasil, ou em São Paulo, a massa de ar veio do mar de Weddell, na Antártica, que é virado para o Atlântico Sul, e é lá que tem a massa de ar mais fria. E a mudança do clima está puxando para nós o ar mais frio, enquanto que o Brasil está ficando mais quente. Então tem o contraste ideal para ter mais eventos extremos.

JC - O que tem sido observado nos estudos?

Aquino - Que o tamanho dessas tempestades severas, as maiores do Brasil - mais intensas, mais duradouras e que chove mais - ocorrem sobre o Sul. E elas que inundaram setembro de 2023, novembro de 2023, maio



de 2024 e junho de 2025. Nessas quatro grandes inundações - claro que o destaque ainda é maio de 2024 - o ar frio veio robustamente do mar de Weddell, e as tempestades se organizaram no mesmo sinal. Na expedição (Expedição Internacional de Circum-Navegação Costeira Antártica, realizada entre 2024 e 2025), com todos os colegas de outros países, monitoramos

o gelo, a água, o mar congelado e a atmosfera. Junto com isso, monitoramos esse contraste das tempestades severas entre um trópico mais quente versus uma Antártica injetando ar frio, e quem conecta isso são ciclones extratropicais. Os ciclones extratropicais são responsáveis, sempre foram, pelo equilíbrio energético do Equador para o polo. Resumindo, o Equador está sempre aquecendo e os polos estão sempre esfriando. Para tentar um equilíbrio, os ciclones extratropicais - frente fria para o Equador e frente quente para o polo - estão em maior quantidade e mais intensos, porque os contrastes estão se acentuando. E, coincidentemente, o Rio Grande do Sul, o Uruguai e parte da Argentina são naturalmente uma rota preferencial dos ciclones, que, com a mudança do clima, se tornaram mais propensos aos eventos extremos.

JC - Tem a ver com a relação de ser um meio de caminho entre a Antártica e a Amazônia?

Aquino - É um meio de caminho, do ponto de vista geográfico, mas eu não quero explicar por esse caminho. Com os Andes ao Oeste, esses ventos que passam por cima dos Andes mais rápidos criam a sinuosidade para dizer que o ciclone tem que se formar aqui ou passar por aqui. Atualmente, isso está mais robusto, mais intenso. E, coincidentemente, aciona uma

“Os últimos cinco anos foram os piores da mudança climática dos últimos 50 anos”